

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2006 - ANO X - Nº 118

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Um grande passo na busca de soluções para o problema do tratamento do esgoto em Piquete foi dado no dia 10 de novembro, na Câmara Municipal.

Foi solicitado pela ACIAP, àquela Casa de Leis, que o Engenheiro Michel Elias Jr., da Diretoria de Bacia do Paraíba e Litoral Norte (DAEE), viesse a Piquete expor para a comunidade o Projeto Água Limpa, a ser implantado no município. Essa reunião tornou-se uma Audiência Pública por solicitação do Executivo Municipal.

O engenheiro Michel Elias explicou que o “Água Limpa” é uma parceria entre o município, a Secretaria de Energia e Recursos Hídricos e Saneamento, por intermédio do DAEE, e a Secretaria de Saúde. Esse projeto, segundo ele, já foi contratado e está sendo desenvolvido pela empresa ENGECOP, e utiliza como tecnologia de tratamento do esgoto as lagoas de estabilização.

Houve vários questionamentos e intervenções sobre a viabilidade de depositar esgoto, mesmo que tratado, em rios Classe 1, prática proibida pela Legislação vigente. No caso específico de Piquete, todos seus rios são enquadrados nessa situação. Portanto, este projeto não tem como obter licença para ser implantado. Ressaltou-se, ainda, o inconveniente da implantação de lagoas de estabilização no município, que pretende explorar as potencialidades ambientais como alavanca de desenvolvimento turístico. Foi lembrado, também, que existe um projeto na Prefeitura, pago pelo Estado de São Paulo e já licenciado com recursos do município, que trata o esgoto por meio de uma estação de tratamento compacta. Após várias intervenções, o engenheiro Michel concluiu que ficou claro que a opção desejada para Piquete é a do tratamento por estação compacta. Declarou, ainda, que envidará esforços junto à sua Superintendência para que a verba no valor de R\$ 2,3 milhões do “Água Limpa” possa compor uma cesta de recursos necessários à implantação do projeto já aprovado e licenciado.

O Secretário Executivo do CBH-PS, por sua vez, comclamou os presentes a unir forças para buscar junto às fontes financiadoras o complemento necessário à realização do empreendimento, tais como: CEIVAP, FEHIDRO, FUNASA entre outras. Disse, ainda, que essa é a solução mais limpa e adequada para o município, uma vez que seus rios são Classe 1.



Área de recarga degradada junto ao Ribeirão Limeira, próxima à mata da IMBEL, no caminho das Posses, cuja mata ciliar é foco de pesquisa e recuperação pela Fundação Christiano Rosa.

A importância da recomposição da mata ciliar

O processo de ocupação da região de Piquete, iniciado no final do século 18, caracterizou-se pela falta de planejamento e conseqüente destruição dos recursos naturais, particularmente as florestas. Ao longo da história, a cobertura vegetal nativa foi sendo fragmentada, cedendo espaço para as culturas de cana, café, pastagens e a instalação da cidade.

A idéia de que os recursos naturais existentes eram inesgotáveis estimulou a derrubada das matas e a ocupação desordenada de encostas e margens de rios. A região sofreu um contínuo processo de degradação, com perda da cobertura arbórea e comprometimento de seus cursos d'água. O processo de eliminação das florestas resultou num conjunto de problemas ambientais, com a extinção de várias espécies da fauna e da flora, erosão dos solos e assoreamento dos cursos d'água, com conseqüente redução do volume dos rios.

As matas ciliares não escaparam da destruição, uma vez que a cidade cresceu ao longo dos rios Piquete e Benfica, que tiveram eliminado todo tipo de vegetação ciliar, com perda da biodiversidade e comprometimento de suas águas. Na parte rural do município também não foi diferente: onde havia a mata ciliar, esta cedeu lugar para a agricultura e a pecuária, sendo que, na maioria dos casos, foi transformada apenas em área degradada, sem qualquer tipo de produção.

Com a progressiva escassez de água em

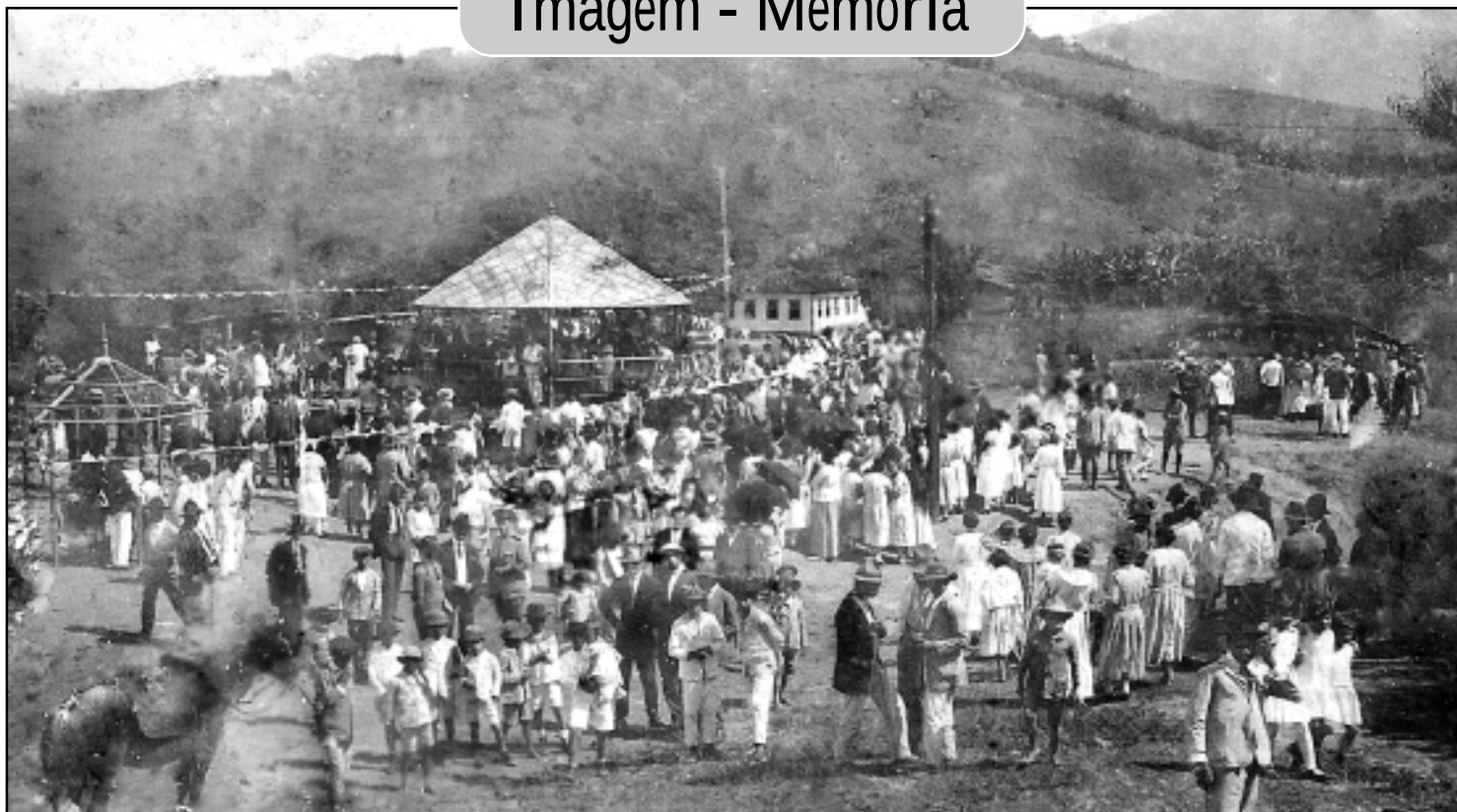
todo o mundo, torna-se cada vez mais importante a necessidade da preservação e recuperação das matas ciliares. É preciso que as autoridades responsáveis pela conservação ambiental adotem uma postura rígida no sentido de preservar as florestas ciliares e que os produtores rurais e a população em geral sejam conscientizados sobre a importância da conservação dessa vegetação.

Nos últimos anos, a Fundação Christiano Rosa, por meio de “O Estafeta”, vem trazendo à discussão a problemática ambiental. Vem desenvolvendo um projeto piloto de recuperação de mata ciliar com espécies nativas. Preocupa-se, não só com a proteção dos cursos d'água, mas também com a formação de um corredor gênico, com o qual espera repovoar a região com espécies em risco de extinção.

No Estado de São Paulo existe 1 milhão de hectares de áreas ciliares que precisam ser recuperadas e reflorestadas. Para vencermos esse desafio é imperiosa a participação de todos: o Poder Público, a iniciativa privada, as organizações não governamentais, as instituições de pesquisa e toda a sociedade, num esforço conjunto.

O futuro da humanidade depende de como manejaremos nossos recursos hídricos ao longo das próximas décadas. A recomposição de matas ciliares contribui para que tenhamos um futuro próspero, livres de muitos dos problemas que já vêm ocorrendo em outros lugares.

Imagem - Memória



A Praça Frutuoso Mendes, atual Leonor Guimarães, no Largo da Antiga Matriz, com seu coreto sextavado ao centro, era palco de todas as atividades religiosas de Piquete até a década de 40. Leilões, danças, projeção de filmes e tómbolas constaram da programação profana da festa de São Miguel de 1921.

Uma festa muito especial...

Todos os anos, quando se aproximava o mês de setembro, a Paróquia de São Miguel criava alma nova se preparando para as homenagens ao seu arcanjo padroeiro. A cidade toda se mobilizava para que os eventos daquele ano superassem os do ano anterior. Uma festa bem organizada era sinônimo de lucro certo a ser destinado para as obras de reforma da matriz, sempre necessitada de reparos.

Em 1921, Piquete se preparou especialmente para essa grande festa que, naquele ano, aconteceu em 2 de outubro, já que 29 de setembro, dia de São Miguel, caíra no meio da semana. A expectativa era maior do que a dos anos anteriores, pois os festeiros eram Maria Francisca Bittencourt e o professor Francisco de Paula Ribeiro. A animada dupla contava, além do apoio financeiro dos parentes, com a ajuda de grande número de simpatizantes. Chiquinha Bittencourt, de tradicional família piquetense, era casada com o escrivão da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, Boaventura Barcellos Garcia, que traria consigo o apoio do operariado da Fábrica. O professor Chiquinho Ribeiro, casado com a professora Olympia Arantes, era hábil político, diretor de teatro e conhecido por toda a cidade.

Organizaram-se durante o ano todo, de maneira que, no dia 12 de setembro, foi distribuído pela cidade o programa da festa. Nele as famílias da cidade eram convidadas "para assistir aos festejos em honra do glorioso São Miguel, padroeiro da cidade, a se realizarem de 24 de setembro a 2 de outubro do corrente ano". Também pedia prendas para os leilões, e a todos que possuíam cartões de esmolas para a referida festa o obséquio de devolvê-los com a respectiva importância angariada.

Além da parte religiosa, que constava

de novena e pregações, e culminaria com a imponente procissão no dia 2 de outubro, o programa trazia, também, a parte profana, que se iniciaria em 29 de setembro. Nesse dia, às 19h, no Cine Popular, localizado em frente à Matriz, houve a projeção de um filme para a população, seguido de leilão e danças. No dia 01 de outubro, véspera do grande dia, às 15h50min, a comunidade acorreu à Estação Ferroviária Rodrigues Alves para recepcionar a Banda Mamede de Campos, de Lorena, que viera abrilhantar a festa. À noite, após a novena, novamente cinema e leilão, seguidos por retreta executada por músicos da Mamede de Campos, no Coreto da Matriz.

O esperado 02 de outubro amanheceu radiante: bandeirinhas e arcos de bambu adornavam o Largo do Coreto e a ladeira da Matriz. Às 5h, a população foi acordada por estrugir de foguetes e uma alvorada, executada pela banda de Lorena. Logo aos primeiros raios de sol, foram chegando os moradores dos bairros rurais: vinham a pé, a cavalo, em carros-de-bois, em burros com jacás lotados de crianças. Famílias inteiras se deslocavam para a cidade, somando-se, no percurso, aos moradores de outras fazendas. Pela manhã, aconteceu uma partida de futebol no campo do "Piquete Foot-ball Club". Às 11h, na igreja Matriz, foi rezada a missa solene, cantada por um "Grupo de Amadores acompanhado de Orquestra". Pregou nessa ocasião o padre Arthur de Moura, que, ao término da missa, leu uma Provisão que anexava a Paróquia de Piquete à de Lorena. Durante o dia, de tempo em tempo, ouviam-se rojões. A criançada, agitada, corria pelas ruas. O povo animava-se em conversas e beberagens. No meio da tarde, os sinos chamavam os fiéis para o clímax da festa: a solene procissão que percorreria as ruas da cidade.

Em duas filas, as irmandades religiosas, anjinhos, andores ornamentados de vários santos, estandartes e, por último, num requinte de colorido e numa profusão de folhas, folhagens, tafetás e tules, o andor levando a imagem de São Miguel. À frente do andor, o padre e os festeiros; atrás, a banda de música. No retorno à igreja, houve um sermão, cantando o "solo ao pregador a Sra. D. Elisa Teixeira Leite de Abreu, seguindo-se a bênção do SS. Sacramento".

As festividades terminaram com a "extração da tómbola em benefício da festa e leilão de prendas". E, para finalizar os festejos, houve "dança na casa da festa", quando tocou uma afinada orquestra vinda da vizinha cidade de Lorena.

Aos poucos, a população foi se dissipando. Os residentes em lugares mais distantes começaram a se retirar. Lentamente, as ruas se calaram. Os festeiros contabilizaram o saldo positivo e o padre Arthur, que passou a visitar mensalmente a paróquia, pôde iniciar o longo trabalho de reforma da Matriz.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Regina da Loja

Há trinta anos ela se encontra estabelecida como comerciante à Avenida Conselheiro Rodrigues Alves nº 92, com a “Loja Regina”.

Filha do casal Geraldo Balbino e Maria da Conceição de Lima, Maria Regina de Lima, mineira de Cristina, nasceu a 5 de outubro de 1945. É conhecida por todos na cidade como a Regina da Loja. “Meu sobrenome nem conhecem...”

Ainda adolescente, casou-se e teve três filhos. À época, em busca de trabalho, mudou-se com a família para Piquete, vindo residir no Bairro de Santo Antônio. Passou a trabalhar como costureira. Faz questão de lembrar que foi naquele bairro que fez suas primeiras amizades: dona Luzia, dona Nilza, Margarida Piva...

Com o fim do casamento, com os três filhos ainda pequenos, Regina diz, saudosa, ter passado dias e noites em sua máquina de costura. “Foi um período de lutas, mas gratificante”. Sua garra e força de vontade tornaram-na respeitada e conhecida em Piquete.

Após dez anos no Bairro Santo Antônio, mudou-se para a Vila Barão, onde conheceu Luiz Galvão Leite, farmacêutico há muito estabelecido na Rua do Piquete com a Farmácia Nossa Senhora de Fátima. Casaram-se e tiveram duas filhas. A união terminou quando, após dezessete anos, enviuvou.

Regina sempre foi atuante na vida da cidade participando de trabalhos sociais e atividades em defesa do comércio. Faz parte, também, de Grupos de Convivência e do Montanhês Clube de Piquete, como Conselheira.

Com a Loja Regina tornou-se ainda mais conhecida dos piquetenses. Essa popularidade levou-a, nos anos 80, a enveredar-se pela política partidária. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores Brasileiros,



Foto: Arquivo Pró-Memória

o PTB, tendo sido eleita vereadora. Orgulha-se de dizer que “foi um período de trabalhos intensos. Durante aquele mandato, o primeiro do prefeito Alaor Ferreira, a cidade se transformou”. Ressalta que participou da elaboração da Lei Orgânica do Município e da organização das comemorações do centenário de Piquete, em 1991.

“Sou sócia da Associação Comercial de Piquete (ACIAP) desde que me estabeleci como comerciante”, afirma Regina. Está há cinco anos na presidência dessa Associação. Politizada e preocupada com os destinos da cidade que tão bem a acolheu, bem como com o futuro de seus jovens, Regina tem promovido cursos especializantes, palestras de orientação aos novos comerciantes e diversas atividades visando ao desenvolvimento do comércio local. Inovadora, implantou uma gama de serviços prestados tanto aos comerciantes como à comunidade. Por meio do projeto *Empreender*, do SEBRAE, tem como uma

Regina e amigos: Dulce e Osmar D’Amico; ela presidente por vários anos da Rede Feminina de Combate ao Câncer; ele, Juiz de Paz da cidade.



de suas metas atuais a criação de uma cooperativa de confecção, a fim de promover a união de costureiras da cidade.

Assim é Regina da Loja: uma mulher madura, respeitada como profissional e atuante como cidadã. Piquete, que a adotou, é o foco de seus trabalhos. Regina merece, pois, o carinho dos piquetenses. Merece nosso reconhecimento.

O efeito estufa...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Há décadas comenta-se sobre o efeito estufa, isto é, o aumento generalizado da temperatura da Terra, devido ao acúmulo do CO₂ (Dióxido de Carbono), o qual retém a radiação infravermelha, proveniente do Sol, na atmosfera. Consciente dos danos causados pelo CO₂, mas subjugado pela necessidade de aumento das riquezas, o homem continuou a produzir enormes quantidades deste e de outros gases que intensificam o efeito estufa.

Várias medidas foram tomadas, sendo uma das mais objetivas a “Convenção Marco sobre Mudança Climática”, assinada durante um encontro realizado no Rio de Janeiro, a ECO-92. O objetivo era “evitar interferências antropogênicas perigosas no sistema climático”. Como consequência direta dessa Convenção, foi assinado, em 1997, o Protocolo de Kyoto, no qual vários países industrializados se comprometem a reduzir suas emissões de gases em 5,2%, em relação aos níveis de 1990, até o ano de 2012. Apesar de sua importância, o Protocolo não foi assinado por muitos países, entre eles os EUA, o maior emissor mundial de gases causadores do efeito estufa. Sabe-se, atualmente, que as metas estabelecidas não serão atingidas.

No último dia 30 de outubro, foi divulgado um estudo do governo inglês que conclui que o desenfreio aquecimento global devastará a economia do planeta na mesma escala das guerras mundiais ou da Grande Depressão. Ao apresentar o relatório, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Tony Blair, salientou que as mudanças climáticas custarão ao mundo algo entre 5% e 20% do PIB global, a cada ano, o que corresponde a aproximadamente 7 trilhões de dólares. O autor do relatório, sir Nicholas Stern, um renomado economista inglês, calcula, porém, que ações imediatas poderiam conter a emissão de gases causadores do efeito estufa. Stern sugere investimentos da ordem de 1% do PIB na descoberta de novas tecnologias: “Isso permitiria, por volta de 2050, um patamar de menor agressão ao meio ambiente”, completa.

Até então, o protocolo de Kyoto vinha sendo desprezado por muitos, em função do procedimento dos EUA. Para alguns, bastava adquirir os chamados “créditos-carbono” e ficar com a consciência tranqüila. O estudo prova que não é só isso: além dos desastres ecológicos já previstos pela Ciência, agora economistas alertam para o desastre econômico.

O Brasil é muito visado nesses momentos, por dominar grande parte das áreas verdes mais importantes do planeta e por suas pesquisas em novas tecnologias de fontes limpas de energia. Tanto é que sua presença é uma das mais esperadas numa reunião da Organização das Nações Unidas, em Nairóbi (Quênia), cujo foco será identificar um “sucessor” para o Protocolo de Kyoto. A FCR orgulha-se de ter um de seus colaboradores, Dr. Dalton Valeriano, presente a essa reunião, apresentando trabalho sobre monitoramento e controle do desmatamento na Amazônia, prática em que o país está muito avançado, e que pode nos render preciosos dividendos. É o momento para se ratificar a idéia de que é possível atingir o desenvolvimento e sermos, ao mesmo tempo, ecologicamente corretos.

A Força do Progresso – 2ª Parte

A idéia da Fábrica em Piquete em curso sob a gestão política

Considerações iniciais

Quiseram Deus, as necessidades, os mitos da tradição e as verdades eternas dadas como insofismáveis que, com vigor, aqui se realizasse a instalação da Fábrica de Pólvoras Sem Fumaça. Mais, entretanto, quiseram os homens que viabilizaram em nome da tríade: progresso, ordem e ciência, bases da idéia republicana e liberal.

Estava posta uma idéia em curso, que os militares e os civis republicanos realizaram, não sem muitos conflitos e contradições. Era um tempo de passagem do monarquismo para o republicanismo. As políticas regionais se definiam no Vale do Paraíba. Do conservadorismo para o liberalismo embatiam-se proprietários e capitalistas.

Entre os políticos valeparaibanos considerados notáveis encontrava-se o guaratinguetense Francisco de Paula Rodrigues Alves, ligado à família do Visconde de Guaratinguetá, Francisco de Assis e Oliveira Borges, titular do Império, comerciante que se tornou rico fazendeiro e capitalista. Entre suas fazendas, de grande destaque era a da Fortaleza, incluída na área do território que abrigou nas divisões oficiais das freguesias o município de Piquete. Segundo dados de Carlos Eugênio Marcondes de Moura, em *O Visconde de Guaratinguetá* (Studio Nobel, 2ª edição em 2002), era ela o principal centro produtivo agrícola do citado Visconde, e nela se concentravam 56% dos escravos do fazendeiro.

Por sua vez, Rodrigues Alves, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, no ano de 1870, promotor interino em Guaratinguetá, nomeado por Decreto de 11 de dezembro de 1870, em carreira política ascendente, casou-se com Ana Guilhermina de Oliveira Borges, em 1875, neta do Visconde de Guaratinguetá. Fazendeiro e político influente, chegou à Presidência da República. Em seu mandato (1902-1906), o projeto de instalação da Fábrica, em Piquete, ganhou corpo e foi implementado. Portanto, os denominados barões do café, titulares

do Império e agraciados com as ordens estamentais, lideravam as ações políticas. Esgotadas as produções cafeeiras, em mudança das áreas valeparaibanas para o centro-oeste paulista, novas idéias econômicas precisavam ser discutidas. Restavam as terras abandonadas e grande número de mão-de-obra ociosa a exigir uma solução. Uma nova mentalidade animava a produção agrária com a entrada de imigrantes europeus, substituindo a mão-de-obra escrava de brancos pobres destituídos de uma relação moderna no trato da produção, pois vinculados ao antigo sistema de clientelismo e agregação social.

A República – uma idéia almejada

Proclamada a República, nos embates dos programas governamentais, o industrialismo era uma das teses mais discutidas entre os republicanos. A indústria da pólvora era um objeto almejado – daí os planos em curso que os políticos valeparaibanos, adotando as linhas do Partido Republicano Paulista e substituindo o conservadorismo pelo progressismo, trataram de viabilizar. Estávamos historicamente em uma época em que a burguesia se propunha como uma nova classe e o capitalismo definia-se por sua influência cada vez mais acentuada no sentido da organização dos mercados, principalmente referenciados pelas organizações urbanas. No agrarismo tradicional valeparaibano, a Vila Vieira do Piquete, núcleo urbano constituído politicamente segundo os dispositivos do período e sob a égide da influência do Partido Republicano Paulista, tendo entre suas lideranças o Coronel José Mariano Ribeiro da Silva, atingira a emancipação com o ato do presidente da Província, depois do Estado, o Dr. Américo Brasiliense de Almeida Mello. (Nos recenseamentos, Piquete sempre se apresenta com maioria de população urbana, diferente das outras pequenas cidades valeparaibanas).

Tornando-se adeptos do Partido Republicano Paulista – PRP –, que se

tornava hegemônico, os fazendeiros dos territórios das Vilas de Lorena e Piquete e dos seus limites, o Barão da Bocaina e o Dr. Arnolfo de Azevedo, citados, uniram suas forças às do Presidente Rodrigues Alves e seu Ministro das Forças Armadas, o General Francisco de Paula Argollo, para solidificar aliança entre os conservadores e os progressistas.

Rodrigues Alves tornara-se um político experiente. Tendo sido deputado em 1885, foi nomeado pelo imperador para o cargo de presidente da província de São Paulo, em 1887, e, no ano seguinte, Conselheiro do Império.

Luiz Felipe D'Ávila, em *Os Virtuosos*, tratando dos *Estadistas que fundaram a República Brasileira* (A Girafa, 2006), afirma que logo em seguida à deposição de D. Pedro II, em 1889, Rodrigues Alves aderiu ao regime republicano, elegendo-se deputado constituinte em 1890.

Na República, ocupou cargos de Ministro da Fazenda no governo Floriano Peixoto e no de Prudente de Moraes.

De suas políticas públicas voltadas para o desenvolvimento econômico e pelo progresso material Piquete foi beneficiário. No governo Rodrigues Alves, o ministro da Fazenda Bulhões Jardim, considerado discípulo da escola liberal, fez o Brasil voltar a ter crédito no exterior e captou empréstimos para financiar as obras planejadas. Assim, o investimento nos transportes, nos portos e nas áreas urbanas funcionava como um estimulante convite à imigração e aos desejados investimentos externos, animado por dois elementos fundamentais – a cafeicultura e o industrialismo.

Conjugar as forças republicanas no sentido da produção, da estabilidade política, e preservar a ordem nos quartéis agitados por idéias controversas na geração do próprio republicanismo foram suas ações privilegiadas. Afinal, o constitucionalismo estava em curso e não foram poucas as batalhas dadas em busca de sua viabilidade.

Dóli de Castro Ferreira

A revitalização da Indústria Bélica Nacional

A defesa nacional é, para os geopolíticos, uma preocupação constante, principalmente quando são considerados questões de fronteiras, domínio soberano do território e política internacional. Estas referências são particularmente importantes se considerarmos ser o Brasil um país-continente, colocado entre os cinco mais extensos quanto à área. Ocupando o segundo lugar, logo após os Estados Unidos – este o primeiro, se incluídas as áreas territoriais descontínuas do Alaska e do arquipélago do Hawai –, o território brasileiro, além da extensa costa, com 8.200km, confina com quase todos os sul-americanos, à exceção do Chile e do Equador.

Pois bem. Assim sendo, são preocupações constantes a questão do narcotráfico, a proposta da internacionalização da Amazônia e as dificuldades, quando as fronteiras políticas, derivadas de negociações e acordos binacionais, são estabelecidas em territórios indígenas vinculados à tradição cultural e sobrevivência do povo.

Todas as questões difíceis de serem tratadas e, principalmente, resolvidas. Juntam-se a essas a aplicação maciça da

militarização das fronteiras da Bolívia e da Venezuela em altos investimentos de capitais na busca de equipamentos e armas bélicas mais sofisticadas. A que o governo brasileiro necessita estar atento, dadas as injunções políticas envolvidas e os interesses comerciais nas trocas previstas pelos mercados intra e extra-regionais. Sem deixar de lado a segurança, porque se o comércio, as comunicações e os interesses dos blocos comerciais tornam as fronteiras porejadas e percorridas por capilares complexos nos fluxos, a soberania territorial é a garantia da autodeterminação nacional estabelecida por códigos expressos na diplomacia.

Ora, a propósito de questões fundamentais como estas, o general reformado do Exército Carlos de Meira Matos, escrevendo na Folha de São Paulo (23-10-2006), chama a atenção sobre a pressão exercida por inúmeras ONGs européias e internacionais em favor da internacionalização da Amazônia, sob o título da tese “Amazônia, patrimônio da humanidade”. Diz ele que tal tese vem “ganhando adeptos fervorosos entre instituições ambientalistas, antropó-

logos, naturalistas e indigenistas da Europa e América do Norte”. Acrescenta que “as mais importantes, como a inglesa Survive, já instalaram inúmeras agências na Amazônia”, sob o pretexto de desenvolver programas científicos e proteger as populações indígenas. O pretexto não é novo e os resultados são conhecidos. Mas o governo será novo a partir dos resultados das eleições. O general apela, portanto, para a revitalização da indústria bélica nacional, que foi, segundo ele, “abandonada pelos últimos governos”.

Um pensamento tradicional vindo da cultura latina admite que, para melhor conservar a paz, a guerra é necessária. Se tomássemos o aforismo ao pé-da-letra, poderíamos nos inquietar, mas admitidas as razões históricas da segurança a que se atêm principalmente os militares, e particularmente, os geopolíticos, entenderíamos a razão do general Meira Matos a defender a revitalização dessa indústria com que nós, em Piquete estamos relacionados e historicamente comprometidos.

Dóli de Castro Ferreira

Você já comeu içá?

Se disse “sim”, ajudou a evitar a destruição de milhões de folhas, arvoredos, roseiras e muito mais. Cada içá que você devorou preparava-se para ser a rainha de uma linhagem de milhares e milhares de vorazes saúvas.

Içá é a fêmea das saúvas, que, lá pelo mês de outubro, emerge dos grandes “olhos” dos formigueiros, às centenas, e alça vôo para se acasalar, lá em cima. Atrás dela vai o sabitu, uma formiga macho pouco menor que, após o casamento aéreo, cai extenuada e morre logo depois. A içá, ao contrário, desce cheia de energia, fecundada, arranca as quatro asinhas e escolhe um lugarzinho de terra mais macia para cavar seu ninho. Afasta os torrõezinhos de terra com seu poderoso ferrão e vai afundando. Cava uma galeria, e pouco depois, no fundo da terra, começa a pôr ovos, de onde sairá toda sua futura família. E continua botando durante anos e anos. E a cada outubro, acontece mais uma revoada de içás e sabitus, a partir desse ninho, para inundar jardins, campos e plantações com mais formigueiros.

Pássaros e crianças fazem a festa no tempo da revoada. Em vôos rasantes, os pássaros enchem o papo. Enquanto as

crianças, empunhando galhos de árvore, correm atrás e abatem as içás. E estas, catadas no chão, vão para uma latinha que deve ser enchida até a boca. Depois é levar pra casa, arrancar o perigoso ferrão,



perninhas, asas, deixar só a bundinha redonda, cheia de ácido fórmico, e pôr na frigideira quente para assar. Um pouco de sal ou farinha podem dar um toque para disfarçar o estranho gosto de formiga assada.

Se faz mal? Pra mim nunca fez.

Mas eu vi amiguinhos com dor de barriga

depois do banquete. Foram muito gulosos.

A última vez que “cacei” içás, quando ainda menino, foi lá num “olho de formigueiro” atrás da igreja matriz de Santa Isabel, cidade onde nasci. Eu mais uns priminhos levamos bacias, baldes de água e usávamos uma “técnica” mais sofisticada para a coleta.

Jogávamos a bacia no meio do formigueiro, que “fervia” de saúvas, formigas guerreiras e içás, emergindo, aos montes, dos buracos. Enchíamos as bacias de água e pulávamos dentro. Assim, as formigas não nos alcançariam. Daí era só esperar que as içás aparecessem para capturá-las, segurando-as pelas asas, antes que levantassem vôo. Com essa “técnica”, enchíamos latões de içás para toda a família.

Hoje eu não teria coragem de repetir essas comilanças, mas há muito garoto pelo interior afora vivendo essas aventuras, mesmo à custa de algumas ferroadas. Mas isso faz parte da guerra contra as saúvas. E vale tudo nessa guerra. Só haverá um vencedor.

Maurício de Souza.

Extraído da publicação “Na Poltrona”, de outubro de 2004.

Teatrocracia

Porque a terra é redonda e nossa vida também é, a gente dá duas voltinhas e vai parar na Grécia. Que culpa temos nós de que a sua filosofia seja tão profunda e poderosa, tão arguta e sábia, que nos revelou a nós mesmos, e revelou as sociedades a si próprias, com uma dolorosa verdade?

Os gregos viviam muito mais nas ilhas que nos continentes. Muito mais no mar que na terra. O excesso de mar fez deles navegantes. Eles conheceram a solidão, dias e dias sem paisagem, somente mar e céu, dias e dias em que o marulho das ondas, sempre igual e sempre repetido, à força de ser sempre o mesmo se transformava em silêncio.

Os lusitanos também padeceram de solidão, de mar sempre azul, do toque do silêncio e do beijo da morte. Nem por isso se deram às grandes interrogações. Nem por isso os inquietou o mistério da natureza humana. E o que é mais. Com esses carismáticos e cabulosos gregos, o que eles inventaram, descobriram, filosofaram, usaram e viveram, permaneceu para sempre. Jamais algum povo foi tão fundo nas almas.

Juro por Deus que eu não queria falar em Platão. Mas ele descreveu tão bem e analisou a nossa campanha política, e o

desempenho dos candidatos, que é mister esquecer que somos maiores que ele, que temos o avião, os computadores, os infáveis programas de TV e concordar com aqueles que dizem que somos maiores que Platão, porque estamos em pé sobre os seus ombros.

Vamos às eleições. Platão menciona uma fauna que se escondia numa forma de se exibir, de existir, de disputar a governança e, em seguida, de governar, que batizou com o nome de teatrocracia.

Basicamente, era uma batalha eleitoral, uma campanha corpo a corpo. Parecida com as nossas campanhas, não somente na organização, mas no espírito. A própria vestimenta era um fingimento, uma hipocrisia, para dizer o menos. Apresentava-se o pretendente vestido com a roupa cândida, a véstia branca, sem mancha, impoluta, ostentando absoluta honestidade. Daí o nome candidato.

O candidato não era mais o homem. Era um personagem. O poeta é um fingidor. Um político também. Finge tão completamente... etc etc.

E, como aquele que anseia pela dominação, é uma criatura humana, com todos os seus anseios e todos os seus defeitos, ele quer parecer bom aos olhos dos

outros, quer conseguir tudo à força de superioridade, é o honesto, o impoluto, o sem mancha. E assim se mostra.

A nossa teatrocracia tupiniquim se manifesta em dois estágios: o antes e o depois. O primeiro capítulo é: eu fiz e eu vou fazer. “Eu fiz o Cristo do Corcovado, as cataratas do Iguaçu, a ponte de Niterói, a criação de jacarés do Pantanal, e eu vou fazer que chega ao delírio”. E as promessas: “Vou tirar todas as ladeiras da cidade para que o coitado do idoso não tenha que se esforçar muito. Deixarei só as descidas.” E o sorriso alvar. E os apertos de mão. E chamar cada um pelo seu nome. E as palmadinhas no ombro. E as promessas mirabolantes? E pegar no colo os filhos dos pobres? E a paciência? E a cordialidade? E a alegria? E a incansável atenção a todos? As palavras melífluas, o agrado. Enfim, é a teatrocracia.

A segunda parte, isto é, o segundo ato da peça estrelada pelo candidato não comporta referência porque o candidato sumiu. Ele voltará com o mesmo sorriso, a mesma túnica branca e os mesmos agrados, na outra eleição.

“Até quando, até que dia, Catilina, abusarás da paciência nossa?”

Ruth Guimarães

“Há homens que lutam um dia e são bons; há outros que lutam um ano e são melhores; há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida, e estes são imprescindíveis.”

Bertold Brecht (1898 - 1956)

Crônicas Pitorescas

Nada de Novo

Palmyro Masiero

Um norte-americano do Texas, debaixo daquele chapéu de cowboy e montado numa burra de dólares, foi a Paris pela primeira vez, em viagem de turismo. Chegando a Orly, partiu à procura de um hotel de oito, nove ou dez estrelas. Não encontrando, contentou-se com um cinco estrelas mesmo. Após sua instalação, resolveu dar umas voltas para conhecer a Cidade Luz.

Mandou providenciar um táxi. Logo encostou um carrão Mercedes e o texano acomodou-se no banco traseiro. Como não sei se o americano falava francês ou se o chofer francês falava o inglês, vamos mandar o papo em português. Afinal, como se entenderam é problema da piada e não nosso. O turista instou ao motorista que lhe mostrasse os monumentos da cidade e, se possível, discorresse sobre a história de cada um.

O passeio teve início. O primeiro lugar em que pararam foi em frente ao Panteão, com suas admiráveis pinturas murais. Disse-lhe o guia que ali eram guardadas as cinzas dos grandes beneméritos da pátria. E foi seguindo na narrativa, até que finalizou:

– O Panteão demorou vinte e cinco anos para ser construído.

– O quê?! – admirou-se o texano. – Pode ter certeza de que lá no Texas a gente teria levantado um igual nuns seis meses.

O francês amargou a insolência, mas, muitas vezes, no trabalho se é obrigado a engolir sapo. Continuando com o passeio, a próxima parada foi em frente à “Notre Dame”. Com paciência, o motorista foi contando a história da famosa igreja e teve que ouvir o pedido da sapiência texana:

– Não é possível conversar com aquele corcunda do filme que bate os sinos da igreja?

A finesse francesa teve que entrar em cena com força total para explicar tudo ao homem do chapelão. Atropeladamente falou

do romance escrito que gerou o filme, dos anais da catedral, etc. Encerrou revelando que a catedral demorou duzentos anos para ser edificada.

– Duzentos anos?! deu um grito o turista. Isso é um absurdo! Tenho certeza de que lá no Texas construiríamos uma igualzinha em apenas um ano!

A excursão continuou.

Diante do Louvre e de outros monumentos, o francês tinha que engolir a arenga do americano, de que na sua terra tudo aquilo se faria em muito menos tempo.

Nessa altura do campeonato, a paciência do chofer parisiense estava fugindo pelo ladrão. O carrão ali deslizando pela “Champs Elisées”, e, ao seu final, eles passaram ao lado do Arco do Triunfo e o motorista continuou rodando como se nada visse de importante. Nisso ouviu a voz do texano:

– Ei, pára aí! E esse arco aí, que é que é?

– Arco? Que arco? indagou.

– Esse aí do lado.

– Nossa! Exclamou o nosso homem em Paris e de lá. – Esse não tenho a menor idéia. Vamos perguntar ao guarda ali, pois ontem passei por aqui e não havia arco nenhum!

Engraçadinha, não? Ok!

Podem bronzear, que a piada é velhíssima. É o que dá para contar hoje. A intenção era fazer um paralelo qualquer entre aqueles políticos que quando estão na oposição têm as fórmulas mágicas, as soluções infalíveis para salvar a Pátria, com a maior tranqüilidade. Basta que cheguem ao poder para se constatar que tudo neles não passava de fanfarronices demagógicas e muita presunção. Na busca de uma referência, pintou esse texano aí. Se não encontrarem paralelo algum, não faz mal. O Brasil continua à beira do abismo. Isso sim, é história repetida. E sem graça.

Tempos de Menino

Edival da Silva Castro

Enquanto houver saudade, irei me lembrando da Avenida General Gomes Carneiro – pedaço de felicidade.

De casa, tinha-se meia visão da Vila Militar, de toda a estação da Estrela, do largo e da portaria do hospital, parte do eucaliptal, mesmo olhando-se por uma fresta da persiana.

As brincadeiras perdiam algum contendor quando um de nós adquiria uma das doenças de criança: sarampo, catapora, caxumba, varíola, coqueluche, varicela, rubéola; recordo-me de quando fui acometido de sarampo. Meus pais rodearam-me os olhos e garganta com urucu, e, parecendo fantasma, deixaram-me isolado num quarto.

Às vezes, ouvia o bulício das brincadeiras dos meninos. Saía da cama e com pés de gato ia até a janela; por uma fresta via os colegas no largo, jogando bola. De vez em quando eles se reuniam no meio do campo e com as mãos faziam garatujas tão compreensíveis, que ao longe imaginava o assunto.

Às 7h acordava com o apito do trem e corria à janela. Eu gostava do poderio da maria-fumaça e do azul dos operários pelas classes.

A chegada de carros, ambulâncias e pessoas ao hospital não me deixava mais curioso. Os enfermeiros, enfermeiras e médicos, conhecia-os um por um. Ficava espiando somente para passar o tempo.

Meu primeiro domingo isolado foi terrível. Sair do quarto não podia, olhar pela fresta da persiana e não ver ninguém era inconsolável. A rua sem os meninos ficava triste, o trem não rilhava e o movimento do hospital era muito pequeno. A bagunça vinda do campo do Estrela cortava-me o coração, e, quando a explosão era de gol, dava-me vontade de abrir a janela, pular para a rua e sair correndo feito doido em direção ao campo, mesmo de pijama e cara pintada. Tive sorte naquele domingo: um beija-flor veio até ao canteiro da janela. Pela fresta arregalei o olho direito na avezinha colorida e linda, e fiquei a admirá-la. Ela parava no ar e enfiava o bico dentro da flor, suas asinhas zumbiam para direcionar o corpo. Cansada, sentava-se e ficava quieta a olhar para o vazio. De repente, voltava a fazer tudo outra vez. Dei-lhe o nome de “doçura”. Tão pequenina e meiga! Achei que ela voara até ali enviada pelos deuses, a fim de amenizar minha solidão; e meu coração alegrou-se. Com pés de gato voltava para a cama e aquietava-me sob a coberta.

Foram assim onze longos dias.

Você sabia?

2 de Novembro - Dia de Finados

O culto aos mortos é uma das mais antigas celebrações. Surgiu no Oriente, por meio do abade Cluny, mas tarde Santo Odilon, que, no ano 998, estabeleceu esta comemoração solene para orar pelos que estavam no purgatório, local no qual, segundo a doutrina católica, os mortos expiam os pecados que cometeram em vida.

No Ocidente, no século XIV, Roma aceitou essa celebração, que se estendeu a toda a cristandade. Inicialmente, os cristãos celebravam os entes queridos já falecidos, em seus lares. Depois, pouco a pouco, esse culto doméstico foi se tornando mais abrangente. Por isso, desde o século 13, o dia 2 de novembro, logo após o Dia de Todos os Santos, foi dedicado às orações por todos os mortos pelos quais ninguém rezava e dos quais ninguém se lembrava.

A comemoração a todos os fiéis defuntos, imbuída de grande riqueza espiritual, deve ser cuidadosamente aproveitada, pois, além da participação nos atos religiosos, proporciona fecunda reflexão sobre a morte e o cumprimento de deveres com a memória de parentes e amigos. O Dia de Finados serve para a celebração da vida eterna daqueles falecidos e não canonizados.

Telma Puls

Não gosto de escrever sobre as pessoas após seu falecimento. Aprendi que as manifestações de carinho, amizade e respeito devem acontecer na convivência do dia-a-dia. Mas, mesmo assim, gostaria de prestar uma homenagem à querida Telma Regina Puls Vallim. Pena não ter dado tempo de dizer-lhe o quanto ela foi importante na construção da Fundação Christiano Rosa, como membro do seu Conselho Curador, secretariando seus trabalhos. Alegre, entusiasta e discreta, dava-nos energia para seguir a caminhada; esteve sempre pronta para serviços voluntários e comunitários. O espírito cristão brotava naturalmente em suas atividades. Lembrome de Telma, ainda jovem, participando ativamente da vida social piquetense, de seu namoro com Toninho Valim, o casamento, a partida para Santo André, o nascimento das duas filhas e o período difícil de ausência provocado pela morte precoce do esposo. Em sua volta para Piquete, para ficar junto de seus pais, recomeçou sua carreira de professora. O magistério tornou-se um sacerdócio. Mais tarde, mesmo aposentada, continuou a ensinar. Entre idas e vindas, Piquete sempre foi seu porto seguro. Amava



esta terra como se fosse natural daqui. Talvez por essa razão se orgulhasse tanto da Fundação, que ajudou a construir, chamada que foi por sua amiga Célia Ap. Rosa. Telma prestou, também, outros serviços a Piquete:

no seu bairro, nas escolas em que trabalhou e em seu grupo religioso. Quantas vezes presenciei Telma atendendo pessoas necessitadas. Palavras de cura e consolo espiritual. Poderia escrever muito sobre Telma, viajar em minhas lembranças, mas a tônica sempre seria a mesma: fará muita falta e sentiremos muita saudade, tanta quanto sentiu aquele grupo de

crianças que chorava copiosamente em seu funeral.

A pergunta ficou no ar: Por quê? Talvez as palavras de Arthur Schopenhauer possam responder: *“Os reis deixaram aqui suas coroas e cetros; os heróis, suas armas. Mas os grandes espíritos, cuja glória estava neles e não em coisas externas, levaram com eles sua grandeza”*.

À família Puls, o carinho e as condolências dos membros da Fundação Christiano Rosa.

Teca Gouvêa

Ao mestre, com carinho

Nós, professores aposentados pertencentes à APAP (Associação de Professores Aposentados de Piquete), queremos homenagear os que ainda estão atuando e lutando por uma melhor qualidade do Ensino e da Educação.

Educadora, está em suas mãos o destino do homem. O futuro feliz ou infeliz da humanidade.

De suas aulas dependerá a formação moral e intelectual dos brasileiros do amanhã.

Carta branca é a alma do educando entregue às suas mãos.

Observe uma chapa fotográfica exposta à luz, antes de revelada.

O que vê? – Nada! No entanto, contém essa chapa as imagens de todas as coisas que numa fração de segundo, invadiram a objetiva. Depois de uma operação química tudo se revela. Assim é a alma do educando.

Vá, pois, fotografa das almas, colocar ante a objetiva nobres ideais, sadios sentimentos...

Como agente da história que você é, nobre professora, atualize-se através de cursos e leituras, para resgatar o desafio político e ético do processo de ensino – aprendizagem.

A educação tem o compromisso de resgatar a competência profissional, o respeito, a honestidade, a solidariedade, a justiça.

Esses valores se manifestarão na formação do educando, gestando o perfil de um homem novo que irá criar uma nova sociedade.

Fortaleça sua consciência profissional com garra, otimismo e perseverança.

Receba, professora, amada colega, esta homenagem que também em nós se renova.

Eunice Fernandes

“Toda a vida humana, por mais religiosa que seja, se não tiver diante dos olhos o fim para o qual nasceu, é navio sem norte, é cego sem guia, é dia sem sol, é noite sem estrelas, é república sem lei, é labirinto sem fio, é armada sem farol, é exército sem bandeira; enfim, é vontade às escuras, sem luz de entendimento que lhe mostre o mal e o bem, e lhe dite o que há de querer, ou do que fugir.”

Padre Antônio Vieira (1608 - 1697)

A culpa é sua!

Culpamos Judas por ter traído Jesus Cristo. Culpamos os portugueses pela extração das riquezas do Brasil. Culpamos o homem branco pela escravidão com os negros. Culpamos os ditadores pela morte de muitas pessoas. Culpamos os terroristas pelos ataques desumanos. Culpamos o governo por causa da fome, da miséria, do desemprego, das doenças, da inflação... Culpamos...

Encontramos um culpado para tudo nos atos e nas omissões humanas. O culpado pode ser o vizinho, o amigo, o inimigo, o parente, o desconhecido – que se torna conhecido pela culpa –, o fulano, o sicrano e o beltrano, ou seja, a culpa nunca é nossa; é sempre do outro. Parece que não conseguimos mais viver sem os culpados. O ser humano tomou gosto por identificar os culpados e “culpá-los”. Quando o culpado não é de carne e osso, também não ficamos por baixo: culpamos a natureza, culpamos o destino, culpamos até Deus...

O homem especializou-se e coloca em prática a teoria, fragmentada, do sociólogo Barão de Montesquieu: “Nada acontece por acaso; há causas”. Queremos encontrar as causas, os motivos, os fatores que nos levarão aos culpados. O mundo está enxergando apenas os círculos que se formam nas águas após uma pedra ter sido arremessada. Os olhos humanos estão direcionados para o retorno da bola que foi lançada na parede. Procuramos o arremessador da pedra, tentamos encontrar o lançador da bola, mas até os culpados querem encontrar os culpados. Infelizmente, entramos num círculo vicioso de culpados. Criamos até um ditado: “fulano tem culpa no cartório!”.

Quem se considera inculpável está assumindo ainda mais a sua culpa. A omissão é a pior culpa que existe. Deixar de jogar a pedra no lago e de arremessar a bola na parede, por receio do que poderá acontecer, é o mesmo que omitir a própria existência. Estamos no mundo para sermos culpados e respondermos por nossas culpas, tanto em aspectos negativos quanto positivos. Galileu Galilei é o grande culpado por provar que a Terra não é chata. Albert Einstein não se eximiu da culpa de ser o “pai da teoria da relatividade”. Darwin é o culpado pela teoria da evolução das espécies. Isaac Newton não fugiu da responsabilidade de assumir a culpa da descoberta da lei da gravidade.

O que vem acontecendo hoje é que o número de culpados anônimos vem aumentando. As crianças que nascem a cada dia estão herdando um mundo de culpados sem nomes. Os novos habitantes do planeta um dia também questionarão e procurarão pelos culpados de hoje. Felizes serão se encontrarem os culpados e suas culpas registradas em algum livro, algum objeto, alguma marca, algum documentário, algum depoimento...

Pense: se as coisas no mundo estão como estão é porque a culpa é sua! Não a transfira para os outros!

Rodrigo Nunes

Santos Dumont, o “Pai da aviação”

No início do século, o sonho de voar tomou conta de vários cientistas. Assim, nos principais centros, não foram poucos os que passaram a pesquisar a fórmula certa de transformar em realidade esta aspiração aparentemente impossível. Muitos tentaram, mas a maior glória coube a um homem que, apesar de trabalhar na França, nasceu, a 20 de julho de 1873, numa simples fazenda em João Aires, em Minas Gerais.

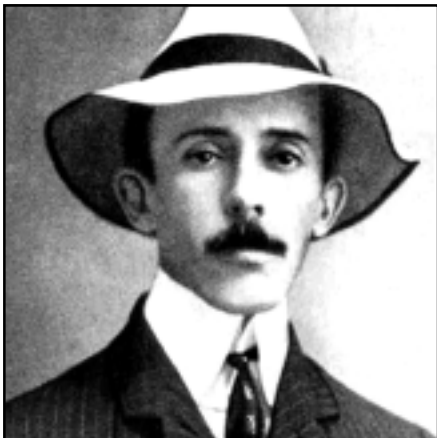
Alberto Santos Dumont era filho de uma grande família de fazendeiros. Tendo sofrido um grave acidente que o deixara paralisado, em 1891 seu pai transferiu-se com a família para Paris. Foi nesta cidade que, visitando a Exposição do Palácio das Indústrias, Alberto descobriu um pequeno motor que o fascinou. Desenvolvia 1 cavalo de força e já era usado nos automóveis da época. Ele despertou em Santos Dumont a velha paixão infantil pela mecânica e o jovem começou a pesquisar os balões tripulados.

Por 250 dólares conseguiu passear a bordo de um balão construído pelo engenheiro Lachambre. A partir daí, passou a dividir seu tempo entre as subidas em balões (fez mais de trinta viagens, em apenas um ano) e as corridas de automóveis que organizava ou das quais participava.

Depois de muitas pesquisas, desenhou um balão diferente, cuja construção encomendou a Lachambre. Apesar do ceticismo com que foi recebido, no dia 4 de julho de 1898 ele subia com o balão, descrito como “o menor, o mais lindo e o único que teve o nome de Brasil”. Era a glória para o jovem brasileiro. Em seguida, tentou a experiência de combinar um balão com um motor de gasolina, de modo que o veículo pudesse ser dirigido. Se a primeira tentativa fracassou, a segunda foi triunfal.

Em 1900, Deustsch de La Meurthe, do Aero clube da França, ofereceu um prêmio de 100mil francos ao aeronauta que, nos

cinco anos seguintes, circunavegasse a torre Eiffel num balão dirigível ou aeronave, partindo de Saint-Cloud e retornando em



menos de 30 minutos. Daí por diante, esse prêmio passou a ser o grande objetivo de Santos Dumont. Para acirrar a disputa, ele próprio ofereceu um prêmio de 4mil francos a quem fizesse o mesmo percurso, sem limite de tempo.

No dia 19 de outubro de 1901 ele conseguiu realizar o percurso com seu modelo nº 6. O prêmio foi-lhe outorga-

do, apesar de ter tocado o solo 1 minuto após o término estabelecido: ele havia cruzado a linha demarcatória ainda em pleno ar, dentro do prazo.

Agora, inteiramente consagrado, Alberto continuou a construir seus balões, até que, em 1903, o grande estímulo recebido por uma carta de Júlio Verne levou-o a tentar novas experiências. Depois de testar o motor de seu balão nº 14 construiu um modelo de aeroplano. Finalmente, no dia 23 de outubro



de 1906, ele subia ao ar com seu famoso 14-Bis, que lhe conferiu o título de “Pai da Aviação”, o primeiro a voar com o mais pesado que o ar.

A partir de então, Santos Dumont se desinteressou dos balões, dedicando-se exclusivamente aos aviões. Dentre vários, o terceiro deles, o *Demoiselle*, ficou famoso por sua elegância e leveza.

O uso desses aparelhos para fins bélicos, e mesmo o grande número de desastres que presenciou, levaram Alberto a um extremo grau de angústia. Chegou mesmo a lançar um apelo para que fosse proibido o uso do avião como arma. Amargurado, ele resolveu voltar para o Brasil.

Sua angústia pelo que considerava o mau emprego de sua descoberta levou-o ao suicídio, quando, durante a Revolução de 1932, presenciou alguns bombardeios no porto de Santos.

Nota da Cidade

✓ O Rotary Club de Piquete estará promovendo, no dia 22 de novembro, às 20h, uma palestra com o Dr. Walter de Oliveira Filho, oncologista do Instituto Brasileiro de Controle do Câncer, de São Paulo/SP, sobre “Prevenção do Câncer de Mama, Colo do Útero, Próstata e de Pele”. O evento será gratuito e direcionado a toda a população. Compareçam! A prevenção é uma das mais importantes armas contra qualquer doença.

✓ Anacyr do Nascimento Araújo é uma das artistas plásticas cujo trabalho consta do “Anuário Brasileiro de Artes Plásticas”, lançado em evento acontecido no dia 24 de outubro, no Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. No livro podemos apreciar a obra “Luta pela Sobrevivência”, um óleo sobre tela de 2003. A Fundação Christiano Rosa parabeniza sua colaboradora e deseja-lhe sucesso.

✓ A convite do CODIVAP Vereadores, a presidente do Conselho Curador da Fundação Christiano Rosa, Teca Gouvêa, ministrou palestra, no dia 20 de outubro, em Ubatuba/SP, sobre “A Importância da Participação do Legislativo nos Comitês das Águas e a Preservação dos Recursos Hídricos”. O evento aconteceu durante a reunião do CODIVAP e contou com Presidentes de Câmaras Municipais de todo o Cone Leste paulista.

✓ No dia 11 de novembro, em Valença, no Rio de Janeiro, aconteceu o 11º Encontro de Jongueiros, ocasião em que ocorreu o lançamento do Livro-CD “Jongos do Brasil”, que conta a história das comunidades joneiras, com duas canções joneiras de cada uma, entre elas a do Grupo de Jongo de Piquete. Além de nosso município, houve grupos de jongo de Angra dos Reis, Barra do Piraí, Campinas, Campos, Carangola, Guaratinguetá, Miracema, Pinheiral, Porciúncula, Quilombo São José, Quissamã, Santo Antônio de Pádua e Serrinha.

No dia 25 de novembro, em Piquete, no Terrana Dance Bar, às 20h, estará acontecendo o lançamento do Livro-CD para os piquetenses.

✓ A Escola Municipal Professora Ricarda Godoy Lopes foi premiada com o primeiro lugar na edição 2006 das “Olimpiadas de Matemática”, evento promovido pela Diretoria de Ensino de Guaratinguetá, no dia 17 de outubro. A Fundação Christiano Rosa parabeniza a professora Roberta e os alunos Bruno, Isabely, Ana Carolina e Lidiene pelo excelente resultado obtido nas “Olimpiadas”, em que concorreram 24 escolas das cidades de Piquete, Lorena e Canas.



Foto Arquivo Pessoal



Acesse, leia e divulgue o informativo
“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net